

LEOS JANACEK

O dia 3 de junho do corrente ano assinalou o transcurso do primeiro centenário do nascimento de uma das maiores figuras da música eslava: Leos Janacek. Julgamos oportuno recordar alguma coisa sobre a sua vida e a sua obra, pois trata-se de figura pouco conhecida entre nós, embora os trabalhos que deixou o credenciem como uma das mais altas afirmações e um dos valores mais vigorosos do nacionalismo eslavo no panorama da música contemporânea. Realmente, nenhuma de suas obras foi até o momento incluída em programa algum de concerto realizado nesta capital e a ocorrência de seu centenário teria passado totalmente despercebida não fôra uma nota, de autoria do dr. Veiga de Oliveira, no número de junho último da excelente revista *Anhembi*.

Leos Janacek nasceu na cidade de Hukvaldy, na Morávia, aos 3 de junho de 1854. Ainda muito cedo sentiu despertar o interesse pela música, pois já o encontramos, aos dez anos de idade, no cântico do mosteiro agostiniano de Brno, a capital da Morávia. Nessa mesma cidade começou os estudos de música, prosseguindo-os depois em Praga e em Leipzig. Viveu algum tempo em Viena, regressando em 1881 para Brno, onde permaneceu durante o resto de sua vida, dali saindo apenas para dirigir concertos ou assistir a representação de suas obras em Praga, ou para raras viagens, sempre curtas, aos países vizinhos. Durante mais de quarenta anos, ou seja até o seu falecimento, ocorrido em 13 de agosto de 1928, viveu exclusivamente para a música de seu país, continuando a obra nacionalista tão gloriosamente iniciada por Smetana e Dvorak.

“A obra imensa de Janacek — diz o citado artigo do dr. Veiga de Oliveira — requer uma investigação especial. Em todos os gêneros musicais, deixou-nos testemunhos admiráveis de sua força criadora”. Suas primeiras obras, compostas em fins do século passado, compreendem peças para orquestra de cordas, para piano e violino, cânticos, canções, danças e duas óperas. Entretanto, tais composições ficaram restritas à sua pátria. Foi só em princípios deste século que seu nome se tornou conhecido em toda a Europa. A primeira obra capaz de projetá-lo para fora de seu ambiente nativo foi a ópera *Jenufa*, estreada em 1904. Intitulava-se

na versão primitiva *Jeji Pastorkyna*, e na primeira representação em Brno não alcançou grande êxito. Só depois de representada em Praga e, mais ainda, depois de traduzida para o alemão (quando recebeu o novo título) é que foi levada à cena, com os maiores aplausos, em todos os grandes teatros da Europa, consagrando, assim, o nome de seu autor. "*Jenufa* é uma obra *realista* (quase se pode dizer *verista*...) pela fôrça das paixões que desencadeia. Seus caracteres estão traçados com firméza; o estilo do canto, natural, tem fôrça e congruência com êsse propósito realista. O tecido harmônico é rico e cheio de detalhes interessantes harmônicamente e no que se refere ao ritmo é extremamente cuidada. A orquestração é viva; levemente descritiva quando pinta o ambiente rústico duma choupana de trabalhadores, ao mesmo tempo que de grande poder dramático quando a história o requer. Sem dúvida, é uma das últimas obras em que o caráter nacional se une ao passional da ópera italiana" (1).

Depois de *Jenufa*, Janacek escreveu inúmeras outras óperas, dentre as quais podemos citar: *Osud* (1905), *As viagens de Mr. Brucek* (1914), *Katya Kabanova* (1921), *Lyska Bystrouska* (1924), *O Processo Makropulos* (1924) e *A casa dos mortos*, extraída do romance de Dostoiewsky e representada somente em 1930, quando seu autor já não mais vivia.

De suas obras orquestrais, a mais importante é *Taras Boulba*, subtitulada "rapsódia orquestral", mas que na realidade aproxima-se mais dos poemas sinfônicos à maneira de Liszt e de Berlioz. Trata-se duma página profundamente patética, inspirada em três grandes momentos da vida do famoso guerreiro cossaco imortalizado por Gogol: as mortes de seus dois filhos e finalmente a sua própria. Deve-se mencionar, ainda, nesse gênero *A Balada de Blanik* e a *Sinfonietta*, que foi o último trabalho de Janacek na forma orquestral.

Suas obras corais merecem um destaque especial, não só pelo aproveitamento de temas folclóricos de seu país, como pelo tratamento que soube dar aos câoros. Nesse gênero escreveu muito, utilizando, sobretudo, textos de poetas seus compatriotas. Rosa Newmarch, que estudou muito bem a obra de Janacek, chama a atenção especialmente para as três composições que escreveu sobre poemas do poeta nacional tcheco Peter Bezruc: *Marycka Magdonova*, *70.000* e *Kantor Halkar*. Os três poemas de Bezruc referem-se à vida miserável das pequenas minorias tchecas nas regiões mineiras da Silésia. "Os temas destas canções nada têm de delicados, mas é inegável o seu poder de expressão", diz a citada musicista. "Os versos fortes e lacônicos de Bezruc, aliados à música

(1). — Salazar, Adolfo — *La música en la sociedad europea*, IV, 369.

instintiva e penetrante de Janacek chocam a atmosfera artificial das salas de concerto e trazem-nos diante da realidade da vida. Ouvindo-as, compreendemos porque alguns críticos acusaram sua arte de *cine-dramática*" (2). Além dessas obras de fundo social, devem ser citadas *O Evangelho eterno* (sôbre texto de Vrchlicky), a coleção de vinte e seis baladas populares, compostas entre 1907 e 1916, e o ciclo de canções *Diário de um desaparecido*, considerado pela crítica especializada como uma das mais notáveis produções do gênero, não somente por explorar de forma inédita a linha vocal, mas também pelo tratamento dado ao piano acompanhador (3).

No setor da música de câmara, sua produção é bem menor, à altura, entretanto, dos demais gêneros, caracterizando-se, tais como as outras obras, por uma personalidade marcante e completa ausência de artifícios, qualidades estas que, segundo a observação de Rose Newmarch, têm dificultado u'a maior popularidade de sua obra. O catálogo de suas composições arrola um Quarteto inspirado na *Sonata a Kreutzer* de Tolstoi, um Sexteto para instrumentos de sôpro, cognominado *Juventude* e numerosas peças para piano e para instrumentos de cordas.

Deixamos para o fim aquela que tem sido considerada a obra mais importante de Janacek — a *Missa Festiva*, conhecida também por *Missa Eslava*, composta em 1926. O texto foi extraído da antiga liturgia eslava, razão pela qual a missa também é denominada Glagolítica. Os textos glagolíticos da igreja eslava remontam ao século IX quando as regiões da Croácia, da Dalmácia e da Morávia foram evangelizadas por São Cirilo e São Metódio. Sôbre esta obra, escreveu o dr. Veiga de Oliveira no citado artigo de *Anhembí*: "É de estranha e impressionante grandeza. Exige um côro excepcionalmente competente e grande orquestra sinfônica, além do órgão, que se encarrega de brilhantes solos intercalados nas várias secções, mormente o prelúdio inicial e a passagem do *Sanctus* ao *Benedictus*. Em tôda a missa predomina um esplendor bárbaro e primitivista, que a torna imprópria para o ofício litúrgico; por outro lado, a liberdade formal que o autor se permitiu adotar, aliada às tremendas e quase insuperáveis dificuldades de interpretação, impedem a maior divulgação de uma obra-prima da música contemporânea". A opinião do grande regente Arthur Bodansky, que em 1930 apresentou pela primeira vez essa missa nos Estados Unidos, é muito significativa: "A não ser na forma, ela nada tem de missa; é antes um hino nacionalista de exaltação e louvor a Deus, fervoroso, mas não litúrgico. Quem ouvi-la, tendo em mente as missas

(2). — Grove — *Dictionary of Music and Musicians*, artigo *Janacek* (vol. II).

(3). — Oliveira, José Veiga de — art. cit. em *Anhembí*, junho 1954.

de Palestrina ou Mozart ou as Paixões de Bach, ficará sèriamente chocado pela fôrça quase bárbara desta nova música”. Indo buscar, para a sua missa, um texto abandonado há séculos pela igreja morava, mas que remonta ao mais fundo da alma popular de seu país, deu Janacek a maior prova do sentido nacionalista de sua obra. Conta-se que alguém, ouvindo a missa, sem conhecer seu autor, teve esta expressão: “Esta missa só pode ter sido escrita por um velho eslavo dos tempos de outrora”. Ao que o compositor respondeu: “Foi escrita, e de fato só o poderia ter sido, por alguém chamado Janacek”.

A discografia de Janacek até há pouco só apresentava gravações feitas na Tchecoslováquia, portanto inacessíveis a nós, brasileiros. Últimamente, entretanto, foi-nos oferecida a feliz oportunidade de travar conhecimento com a obra do compositor, pois já temos ao nosso alcance, em gravações vindas dos Estados Unidos, alguns dos seus melhores trabalhos: o poema sinfônico *Taras Boulba*, a *Sinfonietta*, a *Missa Eslava*, uma *Suite para cordas*, que data de 1877 (portanto uma de suas primeiras composições) e uma série de peças para piano divulgadas pelo grande pianista Rudolf Firkusny, que ainda há pouco esteve em São Paulo. Provavelmente um dia teremos suas canções e suas obras corais, as quais, conforme vimos, constituem a parte mais original e característica de sua grande produção.

E’ esta, em linhas sumárias, a grande figura da música eslava, cujo centenário julgamos, na medida do pouco que podemos, não dever deixar passar inteiramente despercebido. Resta-nos, apenas, acompanhando o anelo do comentário de *Anhembi*, fazer votos para que um dia tenhamos, incluídos nos nossos programas de concerto, alguma obra daquele que, ao lado de Smetana e Dvorak, forma o grande trio da música nacional tcheca.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS